

Auto das raparigas pobres



IGNA concepção de poetas, está em marcha uma obra de amparo ás raparigas pobres, cuja iniciativa, partindo de um núcleo de senhoras que sentem, no mais elevado grau, a virtude materna.

Convinha, por isso, fornecer meios especiais de protecção á maior parte das que se encontram sozinhas no mundo, preparando-as para nele entrarem com uma noção verdadeira do papel que lhes cabe desempenhar. E, mais seguras,irão, desde que se sintam apoiadas num ambiente familiar que lhes faltou na infancia.

Este movimento de solidariedade humana cai, precisamente, numa época roida de egoismos que engeita ou não suporta semelhantes demonstrações de belesa moral, o que mais avulta e engrandece os tentames das pessoas que meteram ombros á piedosa empreza.

Se não fossem estes exemplos de grandeze de espirito, alida a um critério pratico, não haveria

esperança de salvação de muitas donzelas na contingencia de se transviar no asperrimo caminho da vida, falhando como esposas dedicadas e mães carinhosas.

Acresce que em Portugal, como, talvez, em nenhum outro país, a função de um organismo tutelar, para esse efeito, é mais do que precisa, indispensavel, mormente, pela carencia de leis applicadas á psicologia femenina.

A rapariga portuguesa, mais propensa á fantazia do que a realidades positivas, de índole ingénua e simples, não sabe defender-se dos perigos que lhe surgem, a cada momento, debaixo dos pés. Deixa-se, facilmente embair com as promessas tredas do primeiro fenório que lhe aparece, procurando, a coberto de uma legislação imperfeita apropriar-se do tesoiro da sua virgindade que, na maioria dos casos, não é respeitada e, menos ainda, defendida.

Faltam sanções mais amplas que destruam muitas subtilezas e ardis, em virtude dos quais nem sempre se consegue exigir a responsabilidade aos sedutores encartados que, noutros meios, onde as malhas das leis são mais apertadas, respodem pelo acto que praticaram, de modo que esses crimes de cobardia, de inconsciências ou de cinismo não ficam impunes. Quando mais não seja, é uma indmnisação que resolve esses casos; mas, entre nós, não está isso estabelecido, insofismavelmente, como lá fóra, onde se pensa a sério nos direitos comuns.

Mas, se isto acontece com toda a especie de mulheres com as desprotegidas, os precalços são maiores, porque nem sequer sentem, em volta, o desinteresse e o carinho de parentes, de maneira que precisam de uma força moral, de um equilibrio de faculdades

CASA DE CAMBIO TESTA
CAMBIOS, PAPEIS DE CREDITO E LOTERIAS

LISBOA — 74, Rua do Arsenal, 78 — TELEFONE 2532

A REVISTA

raras que nem sempre existem em organismos fracos. Se conseguem atravessar esse mar de sargaços sem nele dissolverem os seus predicados, podem considerar-se verdadeiras heroínas.

Para aquelas que não lograram uma instrução elementar sem nenhuma defeza das suas graças perante as ameaças de todos os males, incluindo os da miseria, maior deve ser a solicitude desse instituto formado para as proteger e guiar.

Bem desgrada é já a condição daquelas, cujos ventres infecundos não lhes asseguram as mais doces emoções da vida, sagrando-se pelo amor dos filhos, incomparáveis poemas de graça, em torno dos quais se derramam torrentes de ternura de que só a mulher pode orgulhar-se. Quanto mais desviar legiões de criaturas do instinto natural, contribuindo para que elas não cumpram uma das maiores, se não a mais bela missão imprescindível ao desenvolvimento da nacionalidade.

Considerando neste elevado ponto de vista, entende-se, á maravilha, aquela frase de Napoleão, quando madame de Stäel, supondo receber do genial cabo de guerra um elogio as suas grandes qualidades de espirito e de intelligencia, lhe perguntou:

— Sir, qual é neste momento, a mulher mais útil ao nosso país?

— E' aquella que der mais soldados á França.

Estamos, felizmente, bastante distanciados daquele ciclo de depravação romana, em que a mulher não passava de inutil farrapo humano, em condições de manifesta inferioridade ao periodo da civilização grega, onde, ao menos, se rendia um culto pagão á sua belesa fisia.

Ainda não se lhe attribuíra nenhuma influencia na geração dos filhos que, tambem, quando não eram utilizados na guerra, tinham o valor de mercadoria despresível por estar sujeita a despreciações constantes.

Mas veio a seguir o cristianismo para a redimir da escravidão e arrancá-la do bátratro escuro d'essa miseria social e para a trazer á luz redentora que espalhava, pela primeira vez, na terra, os balsamos do ceo.

Então, a mulher devinizou-se. Se no tempo de Budha recebera umas azas de anjo, na encarnação de *Maria*, admiravel simbolo da maternidade, guindou-se depois aos páramos da poesia humana, graças ás doutrinas do Nazareno.

Mas, apesar destas conquistas de poder e de dominio, não logrou equiparar-se se ao homem, nem mesmo depois de o ter excedido nalguns lances de abnegação e de sacrificio, como se não bastassem as efemérides em que ela foi santa e heroína.

E, nestas contradições, se consumiram séculos, derribando-se sistemas filosóficos sem que a sua desgraça fosse aliviada e a sua inferioridade rebatida.

Quando é que os homens teem razão? Quando a consideram um ente privilegiado, centro de atração das lutas ideais pelos interesses da especie, ou quando a encaram como animal inferior e diabólico, levando o homem, pelos sertilegios da sua belesa da sua astúcia, aos tumultos mais encarniçados?

Mais conforme foi Shakeaspere que encontrou o termo médio, não a querendo mais alta nem baixa do que o seu coração.

Mas, se não lhe podemos negar o grande poder da maternidade, confessemos, ao menos, que nenhuma obra dos homens é superior a êsse amor sublime, unico que pode resistir ao tempo, porque representa Deus na Natureza.